

A construção textual do racismo em entrevistas televisivas no contexto da pandemia da COVID-19

Rafahel Parintins¹

Resumo: Objetivamos neste estudo discutir a construção textual do racismo no Brasil durante a pandemia da COVID-19 a partir da análise de entrevistas televisivas jornalísticas sobre o racismo durante a pandemia. O referencial assumido no campo linguístico é a abordagem sociocognitivo-interacional da Linguística Textual. A metodologia adotada é quantitativa e qualitativa, utilizando como categorias de análise estratégias referenciais de instauração de tópico discursivo e (re)categorizações de referentes relacionados a racismo em duas entrevistas televisivas. Os resultados indicam que os textos analisados constroem o racismo como uma estrutura social que tende a colocar a população negra em condições sociais precárias.

Palavras-chave: Referenciação. Texto. Racismo. COVID-19.

Abstract: The aim of this paper is to discuss the text construction of racism in Brazil during the COVID-19 pandemic from the analysis of Brazilian television journalistic interviews about racism in the pandemic. This study has as theoretical framework the interactional and socio-cognitive approach of Text Linguistics. The methodology consisted of a quantitative and qualitative textual analysis of two television interviews, using as analytical categories referential strategies of discursive topic introduction and (re)categorizations of referents related to racism. Results indicates that the analysed texts build racism as a social structure that tends to relegate the Brazilian black population in precarious social conditions of life.

Keywords: Referencing. Text. Racism. COVID-19

Resumen: El objetivo de este artículo es discutir la construcción textual del racismo en Brasil durante la pandemia del COVID-19 a partir del análisis de entrevistas jornalísticas de televisión sobre el racismo en la pandemia. Este estudio tiene como punto de vista teórico la perspectiva sociocognitiva e interaccional de la Lingüística Textual. La metodología consiste en análisis textual cuantitativa y cualitativa de dos entrevistas de televisión, usando como categorías analíticas las estrategias referenciales de introducción tópica y (re)categorizaciones de referentes relacionados al racismo. Los resultados indican que los textos analizados construyen el racismo como una estructura social que tiende a relegar la población negra brasileña a condiciones sociales precarias.

Palabras Clave: Referenciación. Texto. Racismo. COVID-19.

¹ Professor de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). <https://orcid.org/0000-0003-0128-3068> /E-mail: rafahelparintins@gmail.com.



Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a construção textual do racismo relativo a pessoas negras no Brasil durante a pandemia da COVID-19, a partir da concepção do racismo como um sistema social historicamente emergente (MUNANGA, 1999; 2003; REGINALDO, 2018; VAN DIJK, 2021; entre outros) e por meio da análise de duas entrevistas jornalísticas televisivas antirracistas transmitidas durante a pandemia e disponibilizadas pelas emissoras de televisão TV Cultura e Rede Bandeirantes nos seus canais na plataforma de vídeos *YouTube*.

Pela noção de “construção textual”, entendemos a atividade de elaboração de referentes no nível textual (MONDADA; DUBOIS, 2003 [1995]; KOCH, 2002; 2004). Desse modo, segundo essa concepção, o referente “racismo”, por exemplo, da mesma forma que não é um dado da realidade completamente *a priori*, também não deve ser entendido necessariamente como mero produto extratextual de elaborações (intra)textuais. Além disso, segundo essa concepção, um texto pode empreender uma tematização e uma construção textualmente relevante do referente “racismo”, tanto a partir de um ponto de vista antirracista quanto de um ponto de vista racista, por exemplo.

Discutimos neste trabalho, em termos teóricos, que a eficácia simbólica (BOURDIEU, 1989) da construção textual do racismo por diferentes textos públicos socialmente relevantes, como os textos antirracistas² aqui analisados, envolve a sua relevância para e a sua relação com outras práticas sociais – como as políticas – e vice-versa.

² Consideramos antirracistas os textos em que o racismo é um tema textualmente relevante e construído como socialmente existente; em que há o reconhecimento da diferenciação e da hierarquização entre grupos raciais brancos, negros e/ou outros e das práticas de violência e estigmatização simbólicas das pessoas negras (PARINTINS LIMA, 2019).

Argumentamos que o racismo tem sido textual e sociocognitivamente construído, nos últimos anos (pelo menos desde 2014³ (PARINTINS LIMA, 2019)), como uma estrutura social. O racismo como estrutura social pode ser entendido como um conjunto de práticas institucionalizadas de violência contra a população negra, envolvendo problemas de acesso a direitos e serviços públicos, como saúde, segurança, educação, informação, trabalho *etc.* (BONILLA-SILVA, 2006; ALMEIDA, 2018; VAN DIJK, 2021). Assim, o racismo não se restringe, mas (se) aprofunda (n)os efeitos sociais da pandemia da COVID-19. Essa concepção do racismo (durante a pandemia ou não) não salienta (nem desconsidera) a sua face interpessoal (como os ataques físicos, por exemplo), dentre outras faces desse processo social. Essa face interpessoal do racismo faz parte das práticas racistas mais amplas, estruturais.

Realizamos essa discussão, no campo teórico e empírico do texto, a partir da abordagem sociocognitiva e interacional da Linguística Textual (KOCH, 2002; 2004; MARCUSCHI, 2007; 2008; BENTES; REZENDE, 2008; MORATO, 2017). Nesta perspectiva, os textos são considerados eventos comunicativos para os quais convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997). Isso significa que os textos não são entidades nem estritamente linguísticas ou cognitivas nem estritamente sociais, mas lugares de interação constituídos mutuamente por ações linguísticas e sociocognitivas (KOCH, 2004). Um dos principais aspectos dessa concepção de texto é a ideia de que estes atuam nas relações sociais por meio, por exemplo, da construção de conhecimentos situados e socialmente distribuídos (ANTOS, 1997; KOCH, 2004; MORATO, 2017).

Utilizamos como categorias linguístico-textuais de análise das entrevistas televisivas selecionadas as estratégias⁴ referenciais de introdução de tópico discursivo (doravante, introdutórios referenciais de tópico) e as (re)categorizações de referentes

³ Por meio do presente estudo, não objetivamos corroborar completamente essa hipótese teórica, uma vez que, para isso, em termos empíricos, precisaríamos desenvolver uma metodologia que considere um *corpus* mais abrangente ou *corpora* mais variados, com maior diversidade de gêneros textuais relevantes, por exemplo. No entanto, entendemos que a discussão teórica e as análises textuais aqui apresentadas colaboram para a verificação da hipótese da prática textual de construção do racismo como estrutura social.

⁴ Estratégia é aqui entendida como uma “instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação” (VAN DIJK; KINTSCH, 1983, p. 65), o que implica “a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece” (KOCH, 2001 *apud* MORATO, 2017, p. 410).

ligados ao conceito de racismo, objetivando, assim, identificar a construção textual do racismo nesses exemplos. Definiremos, na seção metodológica deste trabalho, as categorias de análise citadas. Identificamos que a análise dessas entrevistas aponta para uma relação (con)textual entre *racismo* e *pandemia da COVID-19*: a pandemia é tomada, nessas entrevistas, como um contexto (tal como essa noção é definida mais adiante) relevante para a construção referencial do racismo.

Nas entrevistas televisivas analisadas, esse contexto emerge textualmente como um “gatilho” relevante para a tematização do racismo enquanto força, processo ou estrutura social. Assim, a noção de contexto é aqui entendida como construto intersubjetivo e dinâmico que é evocado ou evoca, no texto/na interação, experiências ou situações sociocognitivamente internalizadas e (tomadas como) menos ou mais compartilhadas (KERBRAT-ORECCHIONI, 1996; VAN DIJK, 2012 [2008]; MARCUSCHI, 2012 [1983]; 2005 [2001]; 2008).

Por conta do escopo do presente estudo, não nos aprofundamos aqui no caráter sociocognitivo da construção textual de processos sociais, como é o caso a construção textual do racismo. Vale apontar que a face sociocognitiva da construção de referentes ligados a racismo é mais bem contemplada por Parintins Lima (2019) e Parintins Lima e Morato (2020). O estudo de Parintins Lima (2019)⁵, por exemplo, investiga a construção textual e sociocognitiva do racismo, por meio da análise de formas intertextuais e de mobilizações textuais de *frames* de racismo em artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos⁶. Parintins Lima e Morato (2020), por sua vez, focalizam alguns resultados de Parintins Lima (2019), explorando a relação entre violência verbal e racismo ao analisar a mobilização de *frames* de racismo no *corpus* e apontar que a tendência identificada nos artigos de opinião sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos (da

⁵ O trabalho de Parintins Lima (2019) consistiu em sua tese de doutorado desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas sob orientação de Edwiges Morato com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

⁶ A *hashtag* #SomosTodosMacacos foi publicada em 27 de abril de 2014 na rede social *Instagram* pelo jogador negro brasileiro de futebol Neymar Júnior em reação a um ato racista sofrido em uma partida na Espanha pelo seu então colega na equipe do *Futbol Club Barcelona*, Daniel Alves, contra quem torcedores da equipe adversária jogaram bananas.

construção do racismo como força ou processo social que aflige a população negra) é uma forma de salientar sociocognitivamente o caráter violento do racismo.

Na seção a seguir, discutimos sobre as relações entre a pandemia da COVID-19 e o racismo no Brasil, preparando teoricamente o terreno para a ideia de que a pandemia é tomada como contexto relevante para a construção de referentes ligados a racismo, nas entrevistas analisadas.

O racismo no Brasil e a pandemia da COVID-19

Observamos que há uma relação, ancorada ou amparada sócio-historicamente, entre a pandemia da COVID-19 e o racismo (FLORÊNCIO, 2020). Não separados, esses temas se relacionam em 2020 não apenas por conta da sua emergência em um mesmo tempo histórico. Um dos indícios disso são, por exemplo, os seguintes dados publicados pela rede social *Twitter*. Em 7 de dezembro de 2020, a rede social *Twitter* divulgou que as *hashtags* mais utilizadas em 2020 foram #COVID19 e #BlackLivesMatter (“Vidas negras importam”). Embora um desses temas não implique necessariamente o outro, eles são postos em relação porque a pandemia da COVID-19, entendida como uma calamidade internacional, não eclipsa, mas, na verdade, aprofunda as desigualdades e as violências racistas anteriores e contemporâneas à disseminação da doença (FLORÊNCIO, 2020).

Baseados em Munanga (1999; 2003), Reginaldo (2018), van Dijk (2015; 2021; 2022), entre outros autores, entendemos o racismo, para os fins deste texto, em termos breves, como uma forma de violência, no sentido de ser um dos sistemas ou estruturas sócio-historicamente emergentes e dinâmicos de dominação sociopolítica e simbólica de determinada coletividade – nesse caso, a população negra (PARINTINS LIMA; MORATO, 2020; VAN DIJK, 2021). Esse sistema sócio-histórico e sociocognitivo pode organizar, guiar ou ser incorporado por ataques políticos, simbólicos e/ou físicos contra essa coletividade.

O antirracismo, por sua vez, em termos breves, é um conjunto de práticas sociais de grupos (antirracistas) responsivas a essa forma de violência (VAN DIJK, 2021; 2022) e que adotam uma intencionalidade coletiva⁷ (TOMASELLO, 2014; 2016) contra essa forma de estrutura sócio-histórica. Essa intencionalidade coletiva requer um tipo de reflexividade também coletiva (TOMASELLO, 2014; 2016) historicamente organizada sobre as experiências pessoais e grupais/coletivas de pessoas negras em uma sociedade racista, permitindo a construção – também coletiva – de (tendências de) representações variadas sobre (a existência do) racismo e sobre os elementos que o compõem enquanto processo sócio-histórico. Além disso, o antirracismo requer a formulação e a operação coletivas de estratégias políticas, organizacionais e simbólicas historicamente situadas (VAN DIJK, 2021). A nosso ver, essas estratégias podem ser observadas, por exemplo, no campo das práticas textuais antirracistas⁸. É nesses termos que entendemos teoricamente uma concepção sócio-histórica dinâmica do racismo e sua relação com as práticas textuais.

A construção dos textos antirracistas ampara-se sociocognitiva e sócio-historicamente em outras construções coletivas, como os direitos e as políticas públicas já conquistadas, ainda que constantemente ameaçadas, o compartilhamento e a distribuição, ainda que desigual, de conhecimentos históricos sobre o racismo (MORATO; BENTES, 2017; 2021) por comunidades e movimentos negros e por ativistas antirracistas não negros, as eventuais aberturas governamentais para o avanço de novas políticas ou para a reforma adequada das já existentes etc. Ao mesmo tempo, os próprios textos antirracistas, a maioria produzida por atores sociais negros, colaboram, uns mais, outros menos, para a construção e a manutenção desse “tônus” político e sociocognitivo necessário para os novos desafios dos grupos antirracistas (PARINTINS LIMA, 2019).

A pandemia da COVID-19 é um contexto sociocognitivo relevante do aprofundamento do racismo nesses tempos porque o funcionamento do racismo estrutural envolve o (mau) funcionamento das políticas e serviços públicos e privados.

⁷ Para Tomasello (2014; 2016), a intencionalidade coletiva compreende representações convencionais e objetivadas coletivas e se baseia em capacidades e motivações que permitem criar práticas culturais convencionais compartilhadas no terreno comum (*common ground*) cultural de um grupo.

⁸ A ideia de prática textual procura compreender as práticas sociais “não apenas como textualmente revestidas, mas também textualmente *investidas*” (MORATO, 2017, p. 419, grifo da própria autora).

Quer dizer, como as políticas e serviços não estão preparados para as demandas da população em geral, particularmente da população negra e de outras coletividades violentadas, esses serviços, principalmente os públicos, tendem a não atender às demandas dessa população como as causadas ou aprofundadas pela pandemia, tal como a necessidade de internação pelo contágio pelo novo coronavírus ou de manutenção de determinada atividade remunerada durante a quarentena, por exemplo.

Sem adesão coletiva ao isolamento físico, ao distanciamento social e à quarentena como formas de prevenir a disseminação da COVID-19, o sistema público de saúde, por exemplo, não apenas não consegue atender às demandas da população pobre, a maioria negra, que não tem acesso à rede privada de saúde, como também a pandemia se prolonga (SILVA; MORAIS; SANTOS, 2020). Além disso, sem políticas sociais que diminuam o problema do desemprego, pelo menos durante a pandemia, os trabalhadores pobres, a maioria negra, podem não morrer ou adoecer de COVID-19, mas padecer de desemprego e fome (EURICO; GONÇALVES; FORNAZIER, 2021). Assim, tanto a baixa adesão às tecnologias sociais de isolamento, distanciamento e quarentena quanto as políticas governamentais que não incentivam nem implementam essas tecnologias e que não se propõem a minimizar ou resolver o problema do desemprego, dentre outros problemas, podem ser consideradas parte do funcionamento da estrutura social a favor do racismo e da eugenia (OLIVEIRA; BRUINJÉ, 2022): que morram os pobres, que morram os negros, que morram os idosos *etc.* Barrar esse funcionamento não é simples, como se pode imaginar.

O nível da complexidade e do sofrimento que ela inflige está inscrito, por exemplo, na expressividade dos textos e das ações antirracistas, como as formas de se obter visibilidade para esse tema de alta relevância social. A visibilidade desse tema passa pela ocupação de espaços públicos e pode ser medida nos alcances que os conhecimentos antirracistas elaborados historicamente pelos movimentos negros atingem nos espaços públicos de relevância. Neste trabalho, focalizamos um desses espaços, o campo jornalístico televisivo.

Como vimos, o racismo é uma realidade sócio-histórico-cultural. No entanto, se não há processos interativos humanos que ocorram completamente fora da linguagem, nem linguagem fora dos processos interativos (MORATO, 1996), ela – a linguagem –

possui lugar e papel na construção de realidades sócio-histórico-culturais (MORATO, 2001) como o racismo, e vice-versa. Na seção a seguir, apresentamos os procedimentos e aspectos metodológicos da análise de construções textuais locais empreendidos neste trabalho. Tais construções são, a nosso ver, exemplares de práticas antirracistas “textualmente *investidas*” (MORATO, 2017, p. 419, grifo da autora).

Metodologia de análise

Considerando a natureza do presente estudo, a metodologia de análise de construções referenciais aqui empreendida é uma adaptação das adotadas por estudos anteriores (MORATO; BENTES, 2013; BENTES; REZENDE, 2017; MARTINS, 2015; MENEGALDO, 2016; XAVIER, 2018; PARINTINS LIMA, 2019; PARINTINS LIMA; MORATO, 2020; entre outros). Nesta seção, apresentamos os procedimentos realizados e as categorias de análise adotadas no estudo.

Como dissemos, selecionamos 02 entrevistas televisivas como exemplos da construção textual do racismo em textos jornalísticos antirracistas durante a pandemia da COVID-19. Esses textos são considerados antirracistas porque têm, como elemento linguístico-discursivo, a tematização textualmente relevante do racismo, construindo-o como socialmente existente (PARINTINS LIMA, 2019). Além disso, neles, há o reconhecimento da diferenciação e da hierarquização entre grupos raciais brancos, negros e/ou outros e das práticas de violência e estigmatização simbólicas das pessoas negras (PARINTINS LIMA, 2019).

Optamos por textos do campo jornalístico porque, a nosso ver, a análise deles pode ser indicadora da visibilidade dada ao tema do racismo em determinado período, como no da pandemia da COVID-19, que se iniciou em 2019-2020 e continua atualmente, no fim do ano de 2022. Um aspecto importante da relevância empírica das entrevistas jornalísticas televisivas aqui analisadas é o de estarem disponíveis no espaço virtual, a plataforma de vídeos *YouTube*, onde são visíveis por um tempo mais duradouro do que as transmissões televisivas.

Para coletar as entrevistas, utilizamos como argumento de busca no *YouTube* a expressão “racismo durante a pandemia”, entre aspas. Com isso, esperávamos encontrar vídeos com descrições que contivessem essa expressão. Dentre os vídeos que a busca gerou, houve vídeos não jornalísticos, como transmissões ao vivo e discussões sobre o racismo causado pela pandemia, como contra pessoas chinesas. É, por exemplo, o caso do vídeo *O racismo social ligado ao coronavírus* do canal *Lili Schwarcz* da antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (SCHWARCZ, 2020) que trata sobre o racismo/xenofobia ligada à transmissão do novo coronavírus (esse vídeo não foi selecionado, por não se tratar de uma entrevista televisiva).

O gênero entrevista jornalística televisiva, aqui contemplado nas exemplificações, não é, necessariamente, o gênero mais quantitativamente produtivo na tematização pública do racismo durante a pandemia. Durante a busca realizada, só encontramos 02 vídeos jornalísticos de entrevistas de canais televisivos relevantes, os que aqui analisamos. Pode haver outros vídeos desse gênero nessa ou em outras plataformas, como aqueles que foram transmitidos na rede aberta ou paga de televisão não disponibilizados no *YouTube*. Este último caso, provavelmente, é de vídeos que estão nos arquivos das emissoras, não imediatamente acessíveis para a população com acesso à Internet, ainda que tenham sido assistidos pontualmente por parte da população que possui televisão.

Entendemos que o gênero entrevista televisiva abrange textos multimodais públicos e midiáticos emblemáticos da indicação de como a tematização pública do racismo, estando presente em conversas espontâneas, debates presenciais ou remotos politicamente organizados ou não *etc.*, é levada também para o campo jornalístico televisivo, onde pode possuir grande e importante visibilidade.

Utilizamos como categorias textuais de análise das entrevistas as (re)categorizações de referentes ligados a *racismo* e os introdutores referenciais de tópico das entrevistas. Utilizamos as (re)categorizações como uma das categorias de análise porque elas colaboram fortemente para a construção de determinados pontos de vista sobre os referentes em foco (MONDADA; DUBOIS, 2003 [1995]; KOCH, 2004), como aqueles relacionados a racismo, objeto de interesse do presente estudo.

As (re)categorizações consistem na (re)ativação de um referente por meio de expressão nominal (KOCH, 2004). Assim, por exemplo, na entrevista 1 (exemplo 1), apresentada mais adiante, a apresentadora Andressa Boni do programa de televisão *Opinião*, da TV Cultura, introduz o referente “problema” e depois o recategoriza como “desigualdade social” (além de usar outras recategorizações no decorrer do seu turno de fala), referindo-se à desigualdade racial a partir de determinados pontos de vista: se é um “problema”, a desigualdade racial exige soluções; se o “problema” é a “desigualdade social”, ele é um dos tipos de desigualdades que assolam nossa sociedade.

Os introdutores referenciais de tópico, por sua vez, são formas referenciais de articulação intratópica (JUBRAN, 2006) com a função de iniciar segmentos tópicos. As articulações intratópicas são processos textual-interativos (repetições, paráfrases, marcadores discursivos, processos referenciais *etc.*) de organicidade textual que colaboram para a organização interna dos segmentos tópicos (JUBRAN, 2006). O tópico discursivo é definido como “um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”⁹ (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 361).

Utilizamos os introdutores referenciais de tópico como uma das categorias de análise porque fazem parte do conjunto de estratégias de construção do tópico discursivo, noção que pode particularizar a análise das estratégias de construção textual, como as referenciais (JUBRAN *et al.*, 1992; JUBRAN, 2006). Assim, os introdutores referenciais de tópico deixam entrever a relevância das construções referenciais para o desenvolvimento tópico (JUBRAN *et al.*, 1992; JUBRAN, 2006) em sua relação com a construção de referentes, como os relacionados a racismo. Na entrevista 2 (exemplo 2), por exemplo, a ser apresentada mais adiante, a apresentadora Cynthia Martins do programa jornalístico *Expresso BandNews* introduz o tópico discursivo principal da entrevista (*Série de reportagens da Rádio BandNews FM sobre como o racismo agrava os*

⁹ Embora fuja do escopo deste trabalho explorar as propriedades principais do tópico discursivo, vale apresentá-las, para um melhor delineamento da concepção desta noção aqui adotada. São elas a centração e a organicidade. A centração envolve a concernência, a relevância e a pontualização de um conjunto de referentes no texto. A organicidade, por sua vez, consiste nas relações de dependência inter e intra tópicos discursivos: hierarquia (super ou subordinação, no sentido da abrangência do tópico) e linearidade (adjacência) de tópicos no texto (JUBRAN *et al.*, 1992; JUBRAN, 2006).

efeitos da pandemia da COVID-19 no Brasil) por meio da instauração do referente “uma série de reportagens sobre como o racismo vem agravando as consequências da pandemia pra população negra aqui no Brasil”.

As estratégias referenciais não constroem textualmente os tópicos discursivos sozinhas (MARCUSCHI, 2006; MORATO *et al.*, 2017), assim como as estratégias textuais de construção do tópico e as (re)categorizações não constroem sozinhas os textos. Estes também são construídos por outras estratégias textuais e sociocognitivas (considerando aquelas atinentes à relação entre texto e cognição (MORATO, 2017)), por exemplo: anáforas indiretas, dêiticos de memória, encapsulamentos, nominalizações *etc.*, que introduzem novos referentes, mas que não necessariamente são (re)categorizadores (KOCH; MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2004). Tais estratégias ou processos textuais constituem e são constituídos fortemente por processos sociocognitivos (KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2006; MORATO *et al.*, 2012; MORATO; BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017; MORATO, 2017). Nesse sentido, por exemplo, “modelos cognitivos de tamanho e escopo diferentes, como contextos mentais e *frames* [...] funcionariam como face sociocognitiva da referência” (MORATO *et al.*, 2017, p. 94), bem como do desenvolvimento do tópico discursivo. Não é possível definir, explicar ou exemplificar, no escopo deste trabalho, os processos mais textuais ou mais sociocognitivos citados porque, para os nossos fins, focalizamos os introdutores referenciais de tópico e as (re)categorizações de referentes relacionados a racismo. Isso significa que focalizamos aqui categorias de análise mais explícitas de construção textual.

O tratamento dos dados textuais aqui analisados consistiu em um levantamento quantitativo e em uma análise textual mais qualitativa. Na análise quantitativa, identificamos e quantificamos as (re)categorizações de referentes relacionados a *racismo*. Para maior visibilidade das (re)categorizações encontradas em cada entrevista analisada, apresentamos, nos gráficos mostrados nesse trabalho, apenas os núcleos nominais mais recorrentes dessas (re)categorizações. Consideramos a repetição de núcleos nominais ou de itens lexicais correspondentes textual e situadamente emergentes como um dos fatores de estabilização de categorias em um texto (MONDADA; DUBOIS, 2003 [1995]) ou entre textos (MENEGALDO, 2016; XAVIER,

2018), como na categorização de um referente topicamente relevante (relacionado a) racismo.

Vale lembrar que a repetição de itens lexicais, como os correspondentes a núcleos nominais, não implica que esses itens sejam correferenciais (KOCH; MARCUSCHI, 1998). Por isso, restringimo-nos aos núcleos nominais de (re)categorizações mais próximas de referentes relacionados a racismo, procurando não incluir no levantamento quantitativo os casos de (re)categorizações não correferenciais (mas sem ignorá-las completamente, na análise textual mais qualitativa), uma vez que buscamos construções mais focalizadas em referentes topicamente relevantes relacionados a racismo.

A análise textual mais qualitativa, por sua vez, utilizou as categorias de análise nas duas entrevistas televisivas selecionadas. Para fortalecer alguns comentários analíticos, também apresentaremos algumas ocorrências de predicções de referentes.

Vale observar que pressupomos, em termos analíticos, que as construções textuais, nos exemplos aqui analisados, estão permeadas pelas linhas editoriais dos programas televisivos em questão. Embora possam orientar as análises realizadas, foge do escopo do trabalho reconstruir as motivações político-ideológicas dos programas televisivos em questão. No entanto, pressupomos, conforme aponta van Dijk (2015), que, em termos sócio-simbólicos, estamos lidando com espaços, como o jornalístico, controlados pelas elites simbólicas brancas, o que implica dizer que são os interesses e ideias dos grupos racialmente privilegiados os mais veiculados pelas práticas textuais-discursivas empreendidas nesses espaços.

Os atores sociais podem, no entanto, assumir pontualmente um ponto de vista antirracista nesses espaços porque a luta dos movimentos negros, incluindo suas práticas textuais antirracistas, tem alcançado eficácia simbólica. É o caso das entrevistas televisivas analisadas na seção a seguir. Nessa seção, apresentamos e analisamos exemplos de entrevistas televisivas sobre o racismo durante a pandemia da COVID-19, a fim de mostrar a construção textual do racismo nelas realizada e a pandemia como contexto textualmente emergente na construção referencial de referentes topicamente relevantes ligados a racismo.

Exemplificação: entrevistas televisivas sobre o racismo durante a pandemia da COVID-19

Nesta seção, apresentamos dois exemplos de como a pandemia emerge textualmente como contexto para a construção de referentes topicamente relevantes ligados a racismo e de como o racismo é textualmente construído nesses exemplos no sentido de *estrutura social*. Como dissemos, trata-se de 02 entrevistas jornalísticas televisivas disponibilizadas por canais de televisão na plataforma de vídeos *YouTube*. As entrevistas encontradas e selecionadas foram as seguintes:

Quadro 1: Informações sobre as entrevistas 1 e 2

Entrevista	1	2
Programa	Opinião	Expresso BandNews
Título	<i>Racismo Estrutural e a Pandemia do Coronavírus</i>	<i>Como o racismo agrava as consequências da pandemia de Covid-19</i>
Canal no <i>YouTube</i>	Jornalismo TV Cultura	Band Jornalismo
Emissora	TV Cultura	Rede Bandeirantes
Data	13/05/2020	01/07/2020
Duração	28min41s	09min20s
Descrição	“O Opinião discute o racismo estrutural no Brasil e no mundo e as suas consequências. Uma das questões tratadas no programa é o fato de o coronavírus ser mais letal entre os negros tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Para falar sobre o assunto, a atração recebe o jornalista norte-americano do The New York Times Eduardo Porter--, que acaba de lançar nos Estados Unidos o livro ‘American	“A Rádio BandNews FM tem levado ao ar uma série de reportagens sobre como o racismo agrava as consequências da pandemia do coronavírus no Brasil para a população negra”

	Poison: How Racial Hostility Destroyed Our Promise'. Além dele, participam o professor de direito da FGV-SP Thiago Amparo e a assistente social e coordenadora da ONG Criola, Lúcia Xavier.”	
Observação sobre os participantes	A pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Emanuelle Góes e a médica de família e comunidade Denize Ornellas também participam como entrevistadas.	Participam dessa entrevista os apresentadores Cynthia Martins e Pablo Ribeiros e a entrevistada, a jornalista Gabriela Mayer.
Fonte	TV Cultura (2020)	Rede Bandeirantes (2020)

Fonte: O autor (2022).

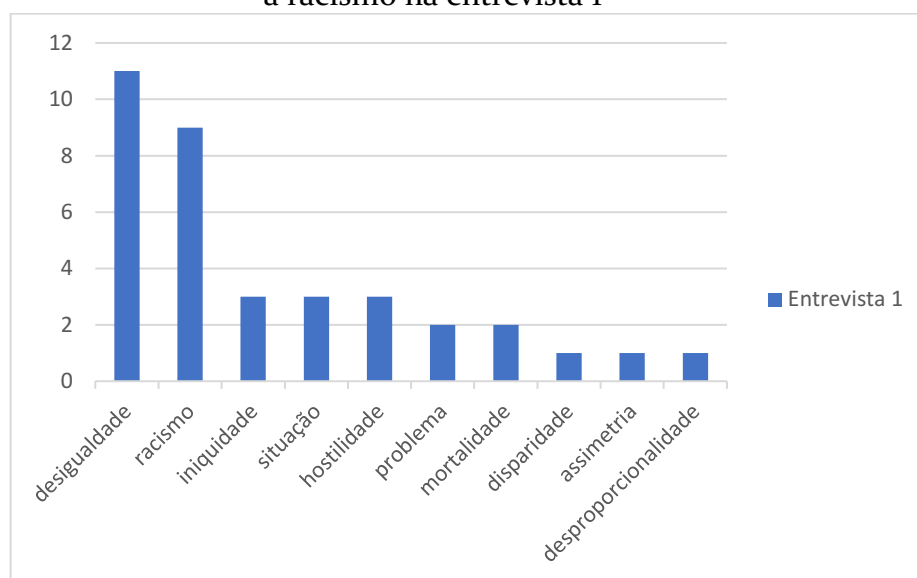
Ao analisarmos as entrevistas, a seguir, apontamos as ações textuais realizadas pelos participantes da interação de modo a construírem textualmente o racismo como uma *estrutura social*. Para tanto, os participantes realizam ações tópicas e referenciais em torno do racismo, como elemento relevante do tópico discursivo ou como referente textual, de forma interligada. Como vimos, focalizamos, assim, na análise, os introdutores referenciais de tópico e as (re)categorizações dos referentes topicamente relevantes ligados a racismo. Analisamos, primeiramente, a entrevista 1.

A entrevista 1, como vimos no Quadro 1, do programa Opinião da TV Cultura, intitulada *Racismo Estrutural e a Pandemia do Coronavírus*, é realizada pela apresentadora branca¹⁰ Andresa Boni, que entrevista o jornalista mexicano branco Eduardo Porter, o advogado e professor negro Thiago Sampaio, a assistente social e ativista negra Lúcia Xavier, a pesquisadora negra Emanuelle Góes e a médica negra Denize Ornellas. Os entrevistados aparecem em e falam a partir de telas de vídeo presentes no estúdio de gravação.

¹⁰ Embora não faça parte do escopo deste trabalho considerar a categorização racial dos interlocutores na análise textual empreendida, entendemos que seja importante lhe dar visibilidade, neste momento de apresentação dos interlocutores. As categorizações raciais presentes no texto são de responsabilidade do autor.

Para os fins da análise, elaboramos o Gráfico 1 a seguir, no qual podem ser identificadas as principais (re)categorizações de referentes topicamente relevantes ligados a racismo na entrevista 1. A fim de deixar a leitura do gráfico mais clara, identificamos, nesse gráfico, como dissemos anteriormente, apenas os núcleos nominais das categorizações, explicitando, nos comentários que se seguem, os elementos linguísticos que os acompanham.

Gráfico 1: Ocorrências de núcleos nominais de (re)categorizações de referentes ligados a racismo na entrevista 1



Fonte: O autor (2022).

Como podemos ver no gráfico acima, o núcleo nominal mais utilizado por diferentes interlocutores na (re)categorização de *racismo* na entrevista 1 é “desigualdade” (n=11), seguido de “racismo” (n=9). “Desigualdade” é utilizado nas seguintes (re)categorizações:

- a) “desigualdade social” (entrevistadora Andresa Boni);
- b) “desigualdade” (Andresa Boni e Thiago Amparo);
- c) “desigualdades sociais” (Andresa Boni);
- d) “desigualdade racial” (Andresa Boni);
- e) “desigualdade muito grande” (Thiago Amparo);
- f) “as desigualdades” (Eduardo Porter);
- g) e “desigualdade” (Denise Ornellas).

Vale apontar que outros núcleos nominais mais genéricos possuem acepções relacionadas ao de “desigualdade”, como “iniquidade” (n=3), “disparidade” (n=1), “assimetria” (n=1) e “desproporcionalidade” (n=1), como forma de (re)categorizar referentes ligados a racismo, conforme veremos no exemplo 1 a seguir.

“Racismo”, por sua vez, ocorre como:

- a) “o racismo estrutural” (Andresa Boni, Emanuelle Góes e Lúcia Xavier);
- b) “racismo” (Eduardo Porter e Lúcia Xavier);
- c) e “o racismo” (Andresa Boni).

Naturalmente, alguns interlocutores são mais ou menos responsáveis pela maior ou menor ocorrência de determinado núcleo nominal ou (re)categorização. No caso do núcleo nominal “desigualdade”, por exemplo, a apresentadora Andresa Boni e o advogado Thiago Amparo são os maiores responsáveis pelas ocorrências: 05 e 04, respectivamente.

Em termos textuais, as (re)categorizações ocorrem dentro de determinada cadeia referencial e em interação com determinadas ações tópicas, como a introdução de tópico por meio de instauração de referente ligado a racismo. No exemplo a seguir, chamamos a atenção para como o advogado Thiago Sampaio constrói determinado ponto de vista sobre o referente “desigualdade [social]” instaurado por Andresa Boni, por meio das (re)categorizações “questão de negros estarem principalmente a serem a maioria entre trabalhadores informais, trabalhadores precarizados”¹¹ e “[essa] desigualdade”.

Exemplo 1¹²

ANDRESA BONI: treze de maio, cento e trinta e dois anos da abolição da escravidão. Por que temos pouco a comemorar? A COVID-19 traz à tona *um*

¹¹ Por ser menos relevante para a análise quantitativa, não se incluiu o núcleo nominal “questão” no Gráfico 1.

¹² Embora haja convenções metodológicas no campo da transcrição de dados orais, adotamos na transcrição dos trechos das entrevistas analisadas elementos da modalidade escrita, como sinais de pontuação. Essa escolha tem caráter *ad hoc*, para os fins da produção deste texto, e teve como objetivo dar mais fluidez à leitura da versão escrita das entrevistas televisivas (gênero multimodal, mas fortemente oral) para leitores linguistas e eventuais leitores não linguistas, considerando a relevância social da temática do artigo. Preservamos, no entanto, na transcrição, as repetições e correções comuns na oralidade e adotamos o uso de colchetes ([]) para indicar trechos de fala sobreposta ou para indicar comentário do transcritor ou supressões do autor (MARCUSCHI, 1986).

problema que se arrasta desde mil oitocentos e oitenta e oito. *A desigualdade social* tem nome, sobrenome e cor da pele. A doença é mais letal entre os negros. Pra entender por que isso acontece aqui no Brasil e também nos Estados Unidos, o Opinião recebe hoje o jornalista norte-americano do New York Times, Eduardo Porter.

NARRAÇÃO: Autor do livro *O preço de todas as coisas* e do mais recente *O veneno americano*. E o advogado Thiago Amparo, professor da FGV [Fundação Getúlio Vargas] de Direito de São Paulo.

ANDRESA BONI: Obrigada por terem aceitado nosso convite, Thiago, Eduardo.

EDUARDO PORTER: Eh obrigado por convidar.

ANDRESA BONI: [Nós temos ouvido muito]

THIAGO AMPARO: [Eh o prazer é nosso].

ANDRESA BONI: que a COVID-19, ela é democrática, mas quando lemos aí pro recorte de raças pra *desigualdade*, vemos que isso não é verdade, não é? Só pra gente ter uma ideia, aqui na cidade de São Paulo, o risco de mortes de negros por COVID-19 é sessenta e dois por cento maior em relação aos brancos. Quer dizer, de democrática a doença não tem nada, não é, Thiago?

THIAGO AMPARO: Sim eh e a gente precisa entender um pouco como quais são os dados eh como ler esses dados né? Não é que negros têm necessariamente naturalmente uma predisposição com relação ao COVID, mas é que eh o dado mostra que a letalidade entre eh negros é maior do que entre brancos, ou seja, eh outros fatores estão influenciados aí. E há pesquisa mostra sobre o maior número de doenças respiratórias entre negros. Ah *a questão de negros estarem principalmente a serem a maioria entre trabalhadores informais, trabalhadores precarizados*. Muitas vezes trabalhadores na linha de frente como no transporte público e outros eh serviços considerados essenciais. Eh então quando a gente olha efetivamente como a a COVID ela se espalha pela cidade eh e quando a gente olha só no contexto de uma cidade específica como São Paulo. A gente vê essa *essa desigualdade* na prática, quando ela vai se eh... nas últimas semanas, a o COVID começou a se espalhar pela eh pelas periferias de São Paulo, isso fez com que ah ah o número de de mortes se es aumentasse nas periferias de São Paulo. [...]

ANDRESA BONI: Quer dizer, não é que essas pessoas, elas adoecem mais, mas quando adoecem, *a situação* é pior, elas têm mais chances aí de morrer.

A entrevista 1 foi disponibilizada no *YouTube*, como vimos, em 13 de maio de 2020. Há 132 anos, em 1888, durante o período do Brasil Império, a então princesa imperial

Isabel Cristina assinava a Lei Áurea, episódio histórico que ficou conhecido como abolição da escravidão. Esse evento é mencionado inicialmente nessa entrevista, pela apresentadora, conforme podemos ler no exemplo acima. A apresentadora Andresa Boni introduz o tópico discursivo *Desigualdade racial no Brasil durante a pandemia da COVID-19* tematizando a pandemia da COVID-19 como responsável por “trazer à tona” o problema antigo (“que se arrasta desde mil oitocentos e oitenta e oito”) da desigualdade racial. Essa introdução tópica é realizada por um conjunto de estratégias textuais, dentre as quais destacamos as referenciais, como as (re)categorizações relacionadas ao referente introduzido “[um] problema”, por diferentes interlocutores:

Pela apresentadora Andresa Boni:

- a) “um problema”;
- b) “a desigualdade social”;
- c) “desigualdade”;
- d) “a situação”;

Pelo entrevistado Thiago Sampaio:

- a) “a questão de negros estarem principalmente a serem a maioria entre trabalhadores informais, trabalhadores precarizados”;
- b) “essa desigualdade”.

Como podemos notar, recategorizações com núcleo nominal *desigualdade* (social/racial) são recorrentes dentre as apresentadas nesse trecho da entrevista, por ambos os interlocutores. Podemos dizer que, conforme o gráfico e o exemplo apresentados, essa categorização se estabiliza nessa transmissão do programa *Opinião*, a partir, como vimos, da relação inicialmente construída pela apresentadora entre a pandemia da COVID-19 e a desigualdade racial, anterior e concomitante à pandemia. Assim, o contexto da pandemia emerge textualmente (por meio de referentes introduzidos “a COVID-19” e “a doença”) como “gatilho” ou âncora contextual para a construção referencial do racismo enquanto desigualdade social, quer dizer, enquanto um problema sócio-histórico e estrutural da sociedade brasileira. Tal caráter sócio-histórico e estrutural pode ser observado também nas predicções relacionadas às (re)categorizações:

Pela apresentadora Andresa Boni:

- a) “[um problema] *se arrasta desde mil oitocentos e oitenta e oito*”;
- b) “[a desigualdade social] *tem nome, sobrenome e cor da pele*”;

Pelo entrevistado Thiago Sampaio:

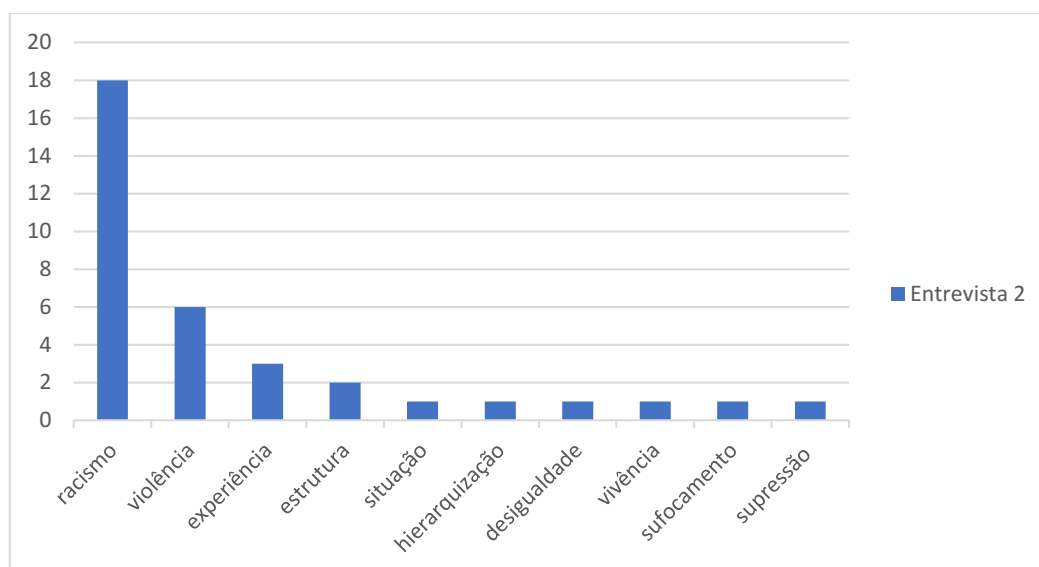
- a) “[a questão] de negros *serem a maioria entre trabalhadores informais, trabalhadores precarizados*”.

A instauração e desenvolvimento de *desigualdade racial* como referente e como elemento do tópico discursivo é parcialmente responsável pela instauração de outros referentes relacionados, como “o risco de mortes de negros por COVID-19”, “a letalidade entre eh negros”, “o maior número de doenças respiratórias entre negros”, “trabalhadores informais”, “trabalhadores precarizados”, “trabalhadores na linha de frente”, “transporte público”, “periferias de São Paulo”, “o número de de mortes”, “a expansão da COVID para as periferias de São Paulo”, “leitos eh hospitalares”, “taxa de mortalidade”, “chances aí de morrer”, que colaboram para a construção referencial do racismo como estrutura social no Brasil.

Também podemos observar a emergência da pandemia como contexto relevante para a construção de referentes ligados a racismo no exemplo 2 da entrevista 2, a seguir. A entrevista 2 do programa *Expresso BandNews* da Rede Bandeirantes intitula-se *Como o racismo agrava as consequências da pandemia de Covid-19*. Nesse exemplo, os apresentadores negros Cynthia Martins e Pablo Ribeiro e a repórter branca entrevistada Gabriela Mayer tematizam a reportagem desta última, sobre como “o racismo vem agravando as consequências da pandemia para a população negra”.

Na entrevista 2, identificamos os seguintes núcleos nominais mais recorrentes nas (re)categorizações de referentes ligados a racismo por diferentes interlocutores:

Gráfico 2: Ocorrências de núcleos nominais de (re)categorizações de referentes ligados a racismo na entrevista 2



Fonte: O autor (2022).

Como podemos ver no Gráfico 2, o núcleo nominal mais utilizado por diferentes interlocutores na (re)categorização de referentes ligados a racismo na entrevista 2 é “racismo” (n=18), seguido de “violência” (n=6). “Racismo” é utilizado nas seguintes (re)categorizações:

- a) “o racismo” (apresentadora Cynthia Martins, jornalista entrevistada Gabriela Mayer e apresentador Pablo Ribeiro);
- b) “o racismo estrutural” (Gabriela Mayer);
- c) “racismo” (sem determinantes ou modificadores, por Gabriela Mayer e Pablo Ribeiro).

“Violência”, por sua vez, ocorre como:

- a) “uma violência de poder” (Gabriela Mayer);
- b) “violência” (Gabriela Mayer e Pablo Ribeiro);
- c) “a violência” (Pablo Ribeiro);
- d) “essa violência” (Gabriela Mayer);
- e) “uma violência” (Gabriela Mayer).

Naturalmente, como vimos, alguns interlocutores são mais ou menos responsáveis pela maior ou menor ocorrência de determinado núcleo nominal de (re)categorização. No caso do núcleo nominal “racismo” e “violência”, a entrevistada

Gabriela Mayer, em parte por ter mais tempo e mais turnos de fala, é a maior responsável pelas ocorrências: 13 (de 18) e 06 (de 06), respectivamente. Assim, podemos dizer que ela é a maior responsável pela estabilização local das (re)categorizações compostas por esse núcleo nominal, uma característica que pode ser esperada para o gênero entrevista televisiva quando o entrevistado é único, como no caso em questão.

Também na entrevista em questão, as (re)categorizações ocorrem dentro de determinada cadeia referencial e em interação com determinadas ações tópicas que envolvem *racismo* enquanto referente ou elemento do tópico discursivo. No exemplo a seguir, chamamos a atenção para como a jornalista entrevistada Gabriela Mayer constrói determinado ponto de vista sobre o referente *racismo*, instaurado pela apresentadora Cynthia Martins, e desenvolvendo também o tópico *Série de reportagens da Rádio BandNews FM sobre como o racismo agrava as consequências da pandemia no Brasil*.

Exemplo 2

CYNTHIA MARTINS: Cinco e quatro, a gente começa aqui falando da nossa integração, né? Tem gente muito bacana fazendo vários trabalhos eh em outras mídias aqui do Grupo Bandeirantes, es- tanto aqui na no BandNews, na TV aberta, também na rádio. E a rádio BandNews FM tem levado ao ar uma série de reportagens sobre como o *racismo* vem agravando as consequências da pandemia pra população negra aqui no Brasil. E é com ela que a gente fala agora, Gabriela Mayer [a imagem da repórter Gabriela Mayer aparece no telão atrás da jornalista], da Rádio BandNews FM, que produziu, escreveu, preparou essas reportagens e traz pra gente os detalhes aqui. [...]

GABRIELA MAYER: [...] Eu entrevistei quase trinta pessoas pra ter um pouco a ideia mais próxima do de como, você falou, o *racismo* agrava as consequências da pandemia. A ideia era falar não só do aspecto sanitário, mas de uma série de questões que tão atravessadas pela *vivência do racismo* no Brasil. [...] São cinco capítulos, em cada um deles a gente falou sobre um aspecto. Então, no primeiro, a gente introduziu a questão do *racismo estrutural*¹³ no Brasil. A gente fez a diferenciação entre discriminação racial e *racismo*. Então, a discriminação racial, ela é um preconceito por causa da cor da pele da pessoa, da etnia da pessoa, quando o *racismo*, quando a gente fala de *racismo*, a gente tá falando de uma estrutura, de uma estrutura social, de uma vivência de poder, de uma

¹³ Por não se tratar de núcleo nominal, mas de parte do modificador de “a questão”, não incluímos essa ocorrência de “racismo” no Gráfico 2.

*estrutura de poder e de uma hierarquização basicamente de valor de vida. [...] No segundo capítulo, a gente entrou diretamente no aspecto sanitário, então, do acesso à saúde, de como o acesso à saúde é desigual também levando em questão a o aspecto racial. No terceiro capítulo, a gente falou de segurança pública, do aumento da violência policial desde o início do período de quarentena. Amanhã, quinta-feira, é o quarto capítulo, a gente fala sobre renda e trabalho, sobre como o as pessoas negras no Brasil estão em posições mais precarizadas de trabalho, inclusive no serviço doméstico, que ganhou um pouco mais de atenção durante a pandemia. E, por último, a gente termina com a resposta das periferias e dos movimentos negros pra tentar diminuir essa desigualdade. Porque a nossa ideia inicial era falar sobre a vivência da pandemia na periferia. E aí a gente viu que muitas das experiências das pessoas estavam atravessadas pelo *racismo*. Inclusive porque quando a gente olha o recorte dado pelo IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], na população mais pobre do Brasil, setenta e cinco por cento delas são negras. Então eh, acaba coincidindo que quando a gente fala de *racismo*, a gente tá falando também de *uma vivência da população mais pobre do país*.*

PABLO RIBEIRO: Agora, Gabi, nesse capítulo voltado para a área da *violência*¹⁴, só a título de curiosidade e exemplo também, a polícia do Rio de Janeiro nunca matou tanto quanto nesse ano, numa comparação de vinte e dois anos. Dos últimos vinte e dois anos, a polícia no Rio de Janeiro nunca matou tanto. Hoje, infelizmente, não tem nada a ver com a polícia, mas a morte, mais um menino de sete anos, em São João de Meriti, que foi atingido na cabeça por um tiro, na Baixada Fluminense, demonstra mais uma vez a questão da *violência envolvendo principalmente as áreas mais pobres das grandes cidades*¹⁵ e diretamente ligado também à população negra. [...]

No exemplo 2 acima, a apresentadora Cynthia contextualiza a entrevista que será realizada, sobre a “integração” dos diferentes meios de comunicação do Grupo Bandeirantes e sobre uma série de reportagens desenvolvida pela jornalista Gabriela Mayer, informando que o Grupo Bandeirantes tem realizado alguns trabalhos “bacanas”, dentre os quais está o da jornalista, na rádio *BandNews FM*.

¹⁴ Por não se tratar de núcleo nominal, mas de parte do modificador de “a área”, não incluímos essa ocorrência de “violência” no Gráfico 2.

¹⁵ Por não se tratar de núcleo nominal, mas de parte do modificador de “a questão”, não incluímos essa ocorrência de “violência” no Gráfico 2.

Assim, o tópico principal dessa entrevista é a série de cinco reportagens realizadas por Gabriela Mayer. Como parte do desenvolvimento desse tópico, desenvolvem-se também referentes ligados a *racismo*, tema das reportagens, introduzido por Cynthia Martins e retomado e recategorizado por Gabriela Mayer, como “o racismo”, “a vivência do racismo” e por meio de outras expressões referenciais. Observamos as seguintes retomadas e (re)categorizações do referente *racismo* nesse trecho:

Pela apresentadora Cynthia Martins:

- a) “o racismo”;

Pela entrevistada Gabriela Mayer:

- a) “o racismo”;
- b) “vivência do racismo”;
- c) “[a questão d]o racismo estrutural no Brasil”;
- d) “racismo”;
- e) “o racismo”;
- f) “racismo”;
- g) “uma estrutura”;
- h) “uma estrutura social”;
- i) “uma vivência de poder”;
- j) “uma estrutura de poder”;
- k) “uma hierarquização basicamente de valor de vida”;
- l) “[essa] desigualdade”;
- m) “[pel]o racismo”;
- n) “racismo”;
- o) “uma vivência da população mais pobre do país”;

Pelo apresentador Pablo Ribeiro:

- a) “violência”;
- b) “violência envolvendo principalmente as áreas mais pobres das grandes cidades”.

Como podemos notar, o núcleo nominal/categoria “racismo” estabiliza-se no trecho analisado e na entrevista 2, conforme também indica o Gráfico 2. No entanto,

esse referente é também explicitamente construído referencialmente como “estrutura social”, “vivência”, “hierarquização”, “desigualdade”, “violência”.

No caso desse exemplo, a pandemia também emerge, de forma semelhante à do exemplo 1, como contexto relevante para a construção referencial do racismo. As predicações verbais a seguir explicitam as relações entre os referentes *racismo* e *pandemia*, colaborando para a emergência do tópico iniciado:

- a) Pela apresentadora Cynthia Martins: “[o racismo] vem agravando as consequências da pandemia pra população negra aqui no Brasil”;
- b) Pela entrevistada Gabriela Mayer: “[o racismo] agrava as consequências da pandemia”.

A emergência da pandemia como contexto torna relevante a instauração de referentes interrelacionados, como o “aspecto sanitário” do racismo e da pandemia, a “violência policial” desde o começo da “quarentena”, e “renda” e “trabalho” da população negra e pobre “na pandemia” (conforme diz Gabriela Mayer). A interrelação entre esses sentidos colabora também para a construção textual do racismo como *estrutura social*.

No entanto, boa parte da construção do referente “racismo”, nesse exemplo, não está atrelada explicitamente ao contexto da *pandemia da COVID-19*, conforme notamos na instauração e retomada de referentes relacionados apenas a racismo (sem ser localmente contextualizado pela pandemia) por Gabriela Mayer e Pablo Ribeiro, como “discriminação racial” e “resposta das periferias e dos movimentos negros pra tentar diminuir essa desigualdade [racial]” (por Gabriela Mayer) e “violência envolvendo principalmente as áreas mais pobres das grandes cidades” (por Pablo Ribeiro).

Entretanto, ainda que, nessa entrevista, uma parte da construção referencial do racismo não esteja atrelada a todo momento ao contexto da pandemia da COVID-19 (uma vez que o racismo é tomado como estrutural e, portanto, como anterior à pandemia), observamos, tanto na entrevista 1 quanto na entrevista 2, a relevância contextual da pandemia para a construção referencial do racismo, como explicitam as predicações já citadas e a construção de Gabriela Mayer na entrevista 2: “muitas das experiências das pessoas [nas periferias durante a pandemia] estavam atravessadas pelo racismo”.

Nas considerações finais, apresentadas a seguir, retomamos essa relevância contextual da pandemia para a construção referencial do racismo como *estrutura social* (quer dizer, como “desigualdade”, “violência”, “estrutura” etc.), considerando teoricamente aquilo que não aparece “internamente”, em termos textuais, nas entrevistas, mas que está ali presente, de alguma forma, emergente e incorporado (HANKS, 2008): a dinâmica sócio-histórica envolvendo, por exemplo, a luta dos movimentos negros e as políticas públicas, que ancoram a construção identificada do racismo nas entrevistas televisivas apresentadas e, provavelmente, em outros textos antirracistas públicos.

Considerações finais

A pandemia da COVID-19 emerge historicamente em sociedades e em um tempo em que existem formas de violência tais como o racismo. Por ser também uma questão política, a pandemia toca em questões sociais importantes, como o racismo que permeia o funcionamento das instituições públicas e privadas. Na concepção que aqui adotamos, como vimos, a violência racista é estrutural, institucionalizada (BONILLA-SILVA, 2006; ALMEIDA, 2018). No entanto, tanto a pandemia enquanto questão de saúde pública quanto o racismo não se colocam necessariamente como tema social público *per se*, como se fossem independentes das interações sociais. O racismo pode adquirir – ou não – visibilidade em contextos como o da pandemia. Uma forma de adquirir essa visibilidade é por meio de práticas textuais socialmente relevantes, como as que se apresentam nos textos aqui analisados.

Argumentamos, corroborando alguns dos resultados de Parintins Lima (2019) e Parintins Lima e Morato (2020), que analisam dados diferentes, que as práticas textuais antirracistas, como as que emergem nas entrevistas por nós analisadas, tendem a construir o racismo como uma estrutura social (dando menos ênfase, mas não rejeitando a face interpessoal do racismo, por exemplo).

Como vimos, ações tópicas, como as instaurações de tópicos discursivos relacionados ao racismo (a desigualdade racial no Brasil durante a pandemia da COVID-19, na primeira entrevista, e reportagens sobre o racismo no Brasil durante a pandemia, na segunda) permitem compreender o lugar da construção referencial do racismo relativamente ao contexto da pandemia do novo coronavírus. A análise das (re)categorizações de racismo, por sua vez, nos ajuda a compreender como o racismo é construído referencialmente por esses processos textuais.

Com efeito, a pandemia da COVID-19 emerge nos textos antirracistas como os aqui analisados como contexto relevante para a ênfase na construção referencial do racismo como estrutura social, não restrita ao período da pandemia, posto que seus elementos se aprofundam nela ou aprofundam seus efeitos. Entendemos que essa prática de construção textual do racismo pode colaborar estrategicamente (de forma não necessariamente “consciente”) para a ancoragem ou “pavimentação” sociocognitiva do caminho de possíveis políticas públicas antirracistas mais efetivas, que intervenham na estrutura social que compõe o racismo no Brasil¹⁶.

A identificação de uma estratégia – no nível textual, das relações de sentido entre textos socialmente relevantes e, em certa medida, no nível das relações ou processos sociocognitivos e políticos – pautada na construção do racismo como uma estrutura social indica um tipo de prática textual de denúncia da violência estrutural racista (PARINTINS LIMA, 2019; PARINTINS LIMA; MORATO, 2020), como nas (re)categorizações com núcleos nominais cheios de expressividade, como “hostilidade” e “mortalidade”, na entrevista 1, e “violência”, “sufocamento” e “supressão”, na entrevista 2. Essa estratégia pode, a nosso ver, ser uma forma de compor a construção da empatia em favor dos alvos sociais do racismo, aspecto fundamental na luta antirracista (PARINTINS LIMA, 2019).

Entendemos que as construções textuais não emergem apenas no aqui e agora das interações, pois estão ancoradas em práticas sociais mais amplas. É importante

¹⁶ Vale dizer que a questão de se essas estratégias são realmente simbólico-politicamente eficazes foge do escopo deste trabalho, uma vez que deve interagir com o estudo interdisciplinar e empírico sociológico, cultural, político e/ou histórico (MORATO, 2001) da relação dessas estratégias com os seus possíveis impactos correspondentes no campo das políticas públicas e transformações sociais que estão sendo ou ainda serão delineadas.

compreender que a construção textual do racismo nos textos analisados ancora-se sociocognitiva e historicamente em eventos e práticas sociais às quais é responsiva (PARINTINS LIMA, 2019), como: a realidade do racismo em nossa sociedade, a discussão sobre o racismo estrutural, a reação ao assassinato do cidadão George Floyd pela polícia nos Estados Unidos, em maio de 2020, as conquistas já alcançadas pelos movimentos negros, a organização permanente desses mesmos movimentos, principalmente das mulheres e LGBTQIAP+s negra(o)s, a representatividade negra nas instâncias de visibilidade e de poder, o aprofundamento do racismo durante a pandemia da COVID-19 ou dos efeitos sociais desta em decorrência do racismo estrutural etc. Trata-se também do:

[...] reconhecimento de todo um conjunto de conhecimentos compartilhados e coletivizados em torno do racismo brasileiro e de suas formas de manifestação e contenção, mesmo que esses conhecimentos sejam distribuídos de forma desigual e estejam, atualmente, no centro das disputas político-ideológicas (MORATO; BENTES, 2017, p. 14).

Ao mesmo tempo, as práticas textuais antirracistas (quer dizer, com ponto de vista antirracista) de construção do racismo como estrutura social pode colaborar, a nosso ver, para projetar outras lutas (PARINTINS LIMA, 2019; PARINTINS LIMA; MORATO, 2020), como as diversas reações de condolência pela morte de crianças e adultos negros, como as que ocorreram durante a pandemia da COVID-19 e que ocorrem há séculos no Brasil e em outros países.

Assim, a concepção sociocognitiva e sócio-histórica do racismo que adotamos neste texto não deixa de considerar que a luta contra o racismo depende de diversas condições de felicidade (para usar a noção de Austin ([1962] 1990) relacionada aos enunciados performativos): a construção da eficácia simbólica entre o que dizem os textos depende da autoridade enunciativa daqueles que os produzem e de outras práticas sociais, não restritas às linguísticas, que também colaboram para “materializar” como realidade histórica as representações textualmente construídas, por exemplo (BOURDIEU, 1989) – essa é uma questão de interesse textual importante para estudos interdisciplinares futuros sobre o tema.

Referências

ALMEIDA, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANTOS, Gerd. Texte als Konstitutionsformen von Wissen Thesen zu einer evolutionstheoretischen Begründung der Textlinguistik. *In*: ANTOS, G.; TIETZ, H. (Ed.). **Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends.** Tübingen: Niemeyer, 1997. p. 43-63.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BEAUGRANDE, R. de. **New foundations for a science of text and discourse:** cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society. Norwood, New Jersey: Alex, 1997.

BENTES, Anna C.; REZENDE, Renato. Texto: conceitos, questões e fronteiras [com]textuais. *In*: BENTES, Anna C.; SIGNORINI, Inês (org.). **[Re]discutir:** texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola, 2008. p. 19-46.

BENTES, Anna C.; REZENDE, Renato. Linguística Textual e Sociolinguística. *In*: SOUZA, Edson; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Márcio (orgs.). **Linguística Textual:** interfaces e delimitações. São Paulo: Cortez, 2017. p. 258-301.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racism without racists:** color-blind racism and the persistence of racial inequality in the United States. 2. ed. Lanham/Boulder/New York/Toronto/Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.

EURICO, Márcia; GONÇALVES, Renata; FORNAZIER, Tales. Racismo e novo pacto da branquitude em tempos de pandemia: desafios para o Serviço Social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140, p. 84-100, 2021.

FLORÊNCIO, Martina Ribeiro. A pandemia e o aprofundamento da racialização. **Revista do NESEF**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 21-61, 2020.

HANKS, William. **Língua como prática social:** das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

JUBRAN, Clélia *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**, vol. II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 357-439.

JUBRAN, Clélia. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Texte et contexte. **SCOLIA - Sciences Cognitives, Linguistique & Intelligence Artificielle**, Strasbourg, v. 6, p. 39-60, 1996.

KOCH, Ingedore V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore V. MARCUSCHI, Luiz A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.** (online), São Paulo, v. 14, n. p., 1998.

MARCUSCHI, Luiz A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwiges M.; BENTES, Anna C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 [2001], p. 53-101.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. **Linguística de Texto: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012 [1983].

MARTINS, Erik F. M. **Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos**. Campinas. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2015.

MENEGALDO, Karina. **Progressão referencial entre textos na cobertura jornalística contínua**. Campinas. 2016. 224 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2016.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M.; B.B. RODRIGUES; CIULLA, Alana (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003 [1995]. p. 17-52.

MORATO, Edwiges M. Linguagem, cultura e cognição: contribuições dos estudos neurolinguísticos. In: E.F. MORTIMER; SMOLKA, Ana L. B. (orgs.), **Linguagem, cultura e cognição**: reflexões para o ensino e a sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 63-75.

MORATO, Edwiges M. **Linguagem e cognição**: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. Campinas: Pontes, 1996.

MORATO, Edwiges M. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, Edson; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Márcio (orgs.). **Linguística Textual**: interfaces e delimitações. São Paulo: Cortez, 2017. p. 394-430.

MORATO, Edwiges M.; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125-137, 2013.

MORATO, Edwiges M.; BENTES, A.C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. **Revista USP**, São Paulo, v. 115, p. 11-28, 2017.

MORATO, Edwiges M.; BENTES, Anna C. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021.

MORATO, Edwiges M. *et al.* Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 711-742, 2012.

MORATO, Edwiges M. *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 91-110, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 2, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, PENESB-RJ. 2., 2003.

PARINTINS LIMA, Rafahel J. **A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos**. Campinas. 374 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2019.

PARINTINS LIMA, Rafahel J.; MORATO, Edwiges M. Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos. **Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1637-1666, 2020.

OLIVEIRA, Robson de; BRUINJÉ, Ana Luiza Tavares. Classe trabalhadora e racismo durante a pandemia: eugenia e fascismo no governo Bolsonaro. **Resistência Litoral**, Matinhos, v. 1, n. 1, p. 29-44, 2022.

REDE BANDEIRANTES. 2020. **Como o racismo agrava as consequências de COVID-19**. [s.l., s.n.]. 1 vídeo (9min20s). Publicado por Band Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tcnWtjwyn34>. Acesso em: 26 mar. 2022.

REGINALDO, Luciene. **Racismo e naturalização das desigualdades**: uma perspectiva histórica. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/racismo-e-naturalizacao-das-desigualdades-uma-perspectiva-historica>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. 2020. **O racismo social ligado ao coronavírus**. [s.l., s.n.]. 1 vídeo (4min58s). Publicado por Lili Schwarcz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnwMXGUY8os&t=17s>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição; MORAIS, Eduardo Silva de; SANTOS, Mateus Souza dos. COVID-19 e população negra: desigualdades acirradas no contexto da pandemia. **Thema**, Pelotas, v. 18, p. 301-318, 2020.

TOMASELLO, Michael. **A natural history of human thinking**. Harvard: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. **A natural history of human morality**. Harvard: Harvard University Press, 2016.

TV CULTURA. 2020. **Opinião: racismo estrutural e a pandemia do coronavírus**. [s.l., s.n.]. 1 vídeo (28min42s). Publicado por Jornalismo TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHFxklxyDkI>. Acesso em: 26 mar. 2022.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

VAN DIJK, Teun A. (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2015.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso antirracista no Brasil**: da abolição às ações afirmativas. São Paulo: Contexto, 2021.

VAN DIJK, Teun A. 2022. **O discurso dos movimentos sociais / Palestra com o Professor Teun A. van Dijk**. [s.l., s.n.]. 1 vídeo (2h04min25s). Publicado por IEL UNICAMP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gYHhU8oKYY>. Acesso em: 26 mar. 2022.

VAN DIJK, Teun A.; KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. San Diego, California, Academic Press, 1983.

XAVIER, Felipe. **Jornadas referenciais**: a construção de um objeto de discurso em editoriais da Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013. Campinas. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-UNICAMP, 2018.

Recebido em 26/03/2022.

Aprovado em 15/08/2022.